

O apoio do setor financeiro

As propostas mencionadas por Simonsen tiveram o apoio do representante do sistema financeiro no CSE, Fernão Bracher, para quem são necessárias medidas complementares para diminuir o custo do dinheiro interno. Nesse sentido, sugeriu também, a retomada da resolução 432, que permitia o depósito no Banco Central dos empréstimos contraídos no Exterior e posterior reutilização.

"Por razões macro econômicas, o Brasil só permite tomada de empréstimo no Exterior no prazo mínimo de vencimento de oito anos. Esse prazo nem sempre convém aos agentes e às empresas, que muitas vezes não têm um horizonte de necessidade de recursos a tão longo tempo", salientou. Ele lembrou, porém, que o inconveniente da resolução foi que se formou uma massa de recursos grande e de difícil manobra. Por isso, acha que merece ser aperfeiçoada, limitando a movimentação das contas.

Ao comentar que a interdependência financeira é inevitável, Bracher do Bradesco, disse que não há como desligar as taxas de juros interna e externa, mas reconheceu que existem medidas para atenuar essa vinculação, que são as regulamentações existentes na área internacional, como a política de mini-desvalorizações, pela qual o governo

pode direcionar a eficiência das flutuações das taxas de câmbio.

Com referência ao custo dos empréstimos internacionais, Bracher disse que há quatro elementos a considerar: desvalorização da moeda, que reflete a inflação; os juros internacionais, o spread, e o Imposto de Renda, além de levar em consideração o interesse das partes em se endividar em moeda estrangeira. Quanto à desvalorização, salientou que há a conveniência maior de estimular as exportações e remunerá-las adequadamente e, nesse aspecto, acha acertada a política do governo. Os demais elementos são componentes rígidos, em sua opinião, sendo o mais maleável o spread, que é baseado na oferta e procura do dinheiro e no risco efetivo de emprestar a determinado país.

"Os spreads maiores devem-se ao fato das nossas reservas estarem menores que no passado, o que nos obriga a sermos mais presentes no mercado internacional sem termos flexibilidade", prosseguiu. Assim, em sua opinião, enquanto as reservas não aumentarem, é provável que o spread não caiá sensivelmente. "Mas pode cair um pouco, porque o apetite dos banqueiros internacionais em relação ao Brasil aumentou, por causa do bom desempenho de 1981", concluiu Bracher.